

4- VILA MIMOSA: UM LUGAR DE LUTA E PRAZER

A Puta

Quero conhecer a puta.
A puta da cidade. A única.
A fornecedora.
Na rua de Baixo
Onde é proibido passar.
Onde o ar é vidro ardendo
E labaredas torram a língua
De quem disser: Eu quero
A puta
Quero a puta quero a puta.
Ela arreganha dentes largos
De longe. Na mata do cabelo
Se abre toda, chupante
Boca de mina amanteigada
Quente. A puta quente.
É preciso crescer esta noite inteira sem parar
De crescer e querer
A puta que não sabe
O gosto do desejo do menino
O gosto menino
Que nem o menino
Sabe, e quer saber, querendo a puta.

(Carlos Drummond de Andrade)

4.2- Zona Do Mangue

*Na cidade nova também vou morar
pois o carnaval também já foi pra lá
Eu sei que o progresso
O mangue vai fechar
Quem ornamentou
Foi Barão de Mauá
Até o metrô
Já vai passar por lá
Pois tudo que aqui chegar
Lá tem que chegar
Eu vou morar
Na beira do Mangue
Tudo está lá
Na beira do Mangue
Eu sei que vou ficar
(Na Beira do Mangue- Jair
Rodrigues)*

A Zona do Mangue, localizada na parte central do Rio, onde hoje se encontra o bairro da Cidade Nova, era a área mais tradicional de prostituição de baixo meretrício do Brasil.

As primeiras anotações a seu respeito aparecem por volta de 1860, após aterros de mangues da região. Nesta época, as mulheres que ali se prostituíam eram escravas, mestiças, cafetinizadas pelos seus senhores para complementação de renda. O lugar era composto por pequenos hotéis de trânsito, hospedarias, casas de cômodo e bailes públicos (Castro, 1993).

No fim do século XIX, a polícia passou a fiscalizar a prostituição, com a finalidade de organizá-la e confiná-la em áreas de classe baixa, consideradas ideais para a sua prática, sendo o Mangue o principal lugar. Essa ação tinha como objetivo manter as prostitutas longe das linhas do bonde e de pontos comerciais e fora do alcance dos cidadãos respeitáveis. As campanhas de controle se deram devido a alguns problemas agravados após a abolição da escravidão, tais como o medo do aumento da criminalidade, das epidemias e da desordem social no Rio de Janeiro (Caulfield, 2000).

As prostitutas europeias pobres que vinham para o Brasil representavam a ameaça para a política de civilização da população e de construção da imagem do progresso cultural e social. Essas mulheres chegaram ao país em 1867 e, como citado no capítulo 1, não tinham qualificações específicas para

trabalhar na indústria, procuraram a prostituição de baixo meretrício como opção de vida (Kushnir, 1996).

Caulfield (2000) define três tipos de prostitutas do final do século XIX e início do século XX:

Polacas: termo utilizado para definir prostitutas europeias de classe baixa, especialmente do leste europeu. O senso comum as taxa como prostitutas judias, mas nem todas o eram.

Mulatas: termo que evocava sensualidade, usado para prostitutas que alcançavam um status privilegiado devido à sorte, ao seu talento ou dotes físicos, além da tonalidade de cor mais clara do que as pretas.

Pretas: termo utilizado para mulheres que tinham uma tonalidade de cor considerada degradante.

As francesas e as mulatas brasileiras eram toleradas, admiradas e protegidas por alguns homens de classes sociais privilegiadas. Já as pretas e polacas causavam grandes perturbações sociais.

Essas polacas e negras foram para a área do Mangue fazer seus programas, e como forma de compensar seus baixos preços de serviços sexuais, atendiam a um número maior de clientes. Já as prostitutas de melhor comportamento, de pele de cor mais clara e as mais atraentes trabalhavam em bordéis mais discretos nos mercados de mais alto nível, evitando o Mangue (Caulfield, 2000).

Em 1896, houve uma repressão policial que fechou inúmeros bordéis, prendeu cafetões, prostitutas e homossexuais na tentativa de eliminar a prostituição. Dez anos mais tarde, a Reforma Passos intensificou esse processo, demolindo várias casas de tolerância, mas sem importunar as “aristocráticas” (Fridman, 2007)

O progresso e a modernização do Rio de Janeiro foram os motivos para uma série de reformas urbanas, que se iniciou com a medida do “bota-abaixo” do prefeito Pereira Passos. Era preciso banir a marginalidade, transformar o Rio em uma cidade civilizada como Paris. Os cortiços foram derrubados, obrigando a população que os habitava a subir os morros da cidade em busca de moradia. A grande maioria dos expulsos se encaminhou para o Largo do Estácio, onde foi criada a base do samba e o antro da malandragem. Algumas prostitutas que trabalhavam na Zona do Mangue, perto do bairro, também

migraram para o Estácio e Morro de São Carlos, trazendo consigo os cafetões, malandros e gigolôs (turma do Estácio, acesso 2010).

Tal “limpeza” restringiu-se às áreas em que havia expansão das atividades comerciais, transferindo as meretrizes para locais menos valorizados, onde residia a população trabalhadora mais pobre (Fridman, 2007).

Em 1920, o rei Alberto e a rainha Elizabeth da Bélgica visitaram o Rio de Janeiro, o que estimulou ao governo da cidade a fazer algumas modificações para embelezar a capital. Uma das principais mudanças foi a retirada das prostitutas que faziam o “trottoir” nas áreas centrais, prendendo-as ou mantendo-as nas casas do Mangue. A partir disso, o Mangue se firmou como lugar ideal para localização do baixo meretrício, contribuindo para a definição dos espaços morais da cidade e para o controle das doenças venéreas (Simões, 2010).

O Mangue atraía uma clientela em sua maioria de jovens e pobres. Em 1923, a polícia registrou 674 mulheres trabalhando na área e, em 1929, esse número havia aumentado para 1735 (Caulfield, 2000). Na década de 30, segundo Castro (1993), o espaço chegou a possuir aproximadamente 7000 prostitutas ocupando desde onde é, hoje em dia, a avenida Rio Branco até o Largo do Estácio. A zona, então, vivia seus momentos áureos. Havia duzentas pensões com portas e janelas de venezianas com cortinas cor de rosa transparentes para mostrar bem os corpos nus, fornecendo a excitação necessária aos passantes pela rua. Nessas casas se encontravam todos os tipos de mulheres: brasileiras negras, brasileiras brancas, francesas autênticas, ditas “francesas”, polonesas, russas, argentinas, paraguaias, bolivianas e portuguesas. O clima era bem agitado, pois naquele espaço havia de tudo:

“uma feira de línguas e dialetos, um entrecruzar de serviços, farmácia, restaurante, botequins, vendedores ambulantes, caftens à espreita, malandros na tocaia, policiais cavalarianos e a pé, sonolentos e aborrecidos, marinheiros em aventuras fregueses que entram e saem, aliviados ou não, gritos de fêmeas, insultos e convites obscenos, corpos seminus assomando à porta, invertidos que agarravam indecisos, mulheres levando-os quase arrastados para a alcova... No ar impregnado de odores de desinfetantes, de comida rançosa, de éter e álcool, de esperma nas toalhinhas, algo assim como uma atmosfera de pré-temporal, elétrica e desconfortante, mas sumamente excitante e diferente” (Pereira, pg. 65, 1976).

Segundo Simões (2010), a moeda de cinco mil réis era conhecida como “voando pro Mangue” pelos seus frequentadores, pois esse era o preço do programa em qualquer um dos bordéis. Além disso, a moeda ostentava a imagem de uma asa, que ilustrava ainda mais o ato de voar.

A autora prossegue descrevendo o ambiente com a presença constante dos caftens, que se reuniam durante horas em bares próximos onde suas mulheres batalhavam, bebendo, jogando e contando com palitos de fósforos os fregueses que elas conseguiam ao longo do dia, evitando assim um possível golpe.

Moraes (1995) afirma que o Mangue foi frequentado, nessa época de ouro, por inúmeros poetas, pintores, músicos e escritores, como Lasar Segal, Di Cavalcante, Manuel Bandeira, Cartola, Luiz Gonzaga, Antonio Fraga. Além de ser ponto de encontro dos travestis, caftens, ladrões, bicheiros, bonecas, otários, boêmios e dos malandros.

Porém, por volta de final da década de 30, a zona entrava em decadência. Algumas justificativas foram a presença notória da polícia, as residências e áreas de lazer que se transferiram do centro para a zona sul ou subúrbios da zona norte. Já na década de 40, os bordéis haviam saído de moda devido à expansão dos lazeres noturnos à beira-mar de Copacabana (Caulfield, julho 2000).

Em 1943, o coronel Alcides Gonçalves Etchegoyen pôs em via pública 14 mil mulheres do Mangue e mil da Glória, devido à aprovação do projeto para a construção da Avenida Presidente Vargas, que colocou abaixo 500 edifícios, 4 Igrejas, 1 mercado, a sede da prefeitura e parte do Mangue. A consequência de tal ato foi a transferência dessas mulheres para outros bairros, como Copacabana e Cinelândia, além de outras regiões do Estado (Abreu, 1984).

Por volta de 1945, a polícia restabeleceu o sistema de tolerância, que primava pela disseminação da violência e da opressão. Com isso, a polícia passou a disfarçar as casas de prostituição, obrigando-as a manter as janelas e portas fechadas, delimitando uma área para a zona. Tal atitude é explicada devido à invasão das prostitutas nos bairros residenciais, enfrentando as famílias, além do número de estupros e atentado ao pudor terem aumentado. Havia renascido o Mangue (Pereira, 1976).

Segundo Pereira (1976), o Manguê passou a se chamar *Coréia* (devido ao conflito na Ásia na época) e não tinha a metade do *glamour* de sua época anterior. Transformou-se numa aldeia pobre e sórdida, com 60 casas de aspecto sujo. Agora, só as caftinas eram estrangeiras.

Em 1954, as caftinas foram expulsas das casas e passou a vigorar um novo sistema, chamado de “República do Manguê”, termo cunhado pelos policiais da Delegacia de Costumes e Diversões (DCD) com o objetivo de fichar as prostitutas daquela área para que fossem exercidos os controles médico e policial (Soares, 2010). Cada prostíbulo elegia uma de suas meninas para dirigir o bordel, passando a tarefa em rodízio às outras. Entretanto, como a maioria tinha um nível intelectual muito baixo, nem sempre essa passagem de cargo funcionava (Abreu, 1984). Pereira (1976) alega que as prostitutas passaram a não ter horário para entrar e sair, mas passaram a pagar a diária. Entretanto, tinham a liberdade de escolher seus clientes, ficando a critério de cada uma o número de parceiros. Além disso, o número de prostitutas registradas nos bordéis não poderia exceder ao número de quartos da casa, com a finalidade de manter o controle e a higiene.

De acordo com Leite (2005), o preço cobrado pelas mulheres, fez com que muitos homens buscassem o Manguê, dando-lhe a característica de baixo meretrício. O Brasil estava favorável ao abolicionismo após as resoluções da ONU, o que não possibilitava uma atuação mais enérgica da polícia. Havia outros interesses pela polícia: além do suborno, a criação de um espaço onde as mulheres pudessem ser vistas como em vitrines.

“Nos fins de semana, principalmente, o clima do Manguê é de festa, com música e baile. Não tem essa do homem chegar, perguntar o preço e entrar. O que mais vale é o ritual de aproximação e flerte. Ele vai à zona para se divertir, ver pessoas, beber, comer, conversar (além de transar, é claro).” (Leite, 1992, p 73,)

Em novembro de 1968, a rainha Elizabeth II visitou o Rio de Janeiro. A comitiva da rainha passaria pela Avenida Presidente Vargas e era necessário esconder o Manguê dos olhos da realeza. A ordem foi por tapumes na frente da zona, delimitando de vez seus limites geográficos (Soares, 2010).

A partir daí, o Mangue passou de novo por momentos de crise. Em 1971, 10 das 40 casas de prostituição do Mangue, ocupadas por mil e quinhentas mulheres, foram fechadas. A outra derrubada aconteceu em 1974, quando o número de meninas já era de 2000. E a seguinte investida e mais violenta de todas aconteceu em 1977, deixando de pé apenas seis casas. As demais foram demolidas ou incendiadas (Abreu, 1984).

Nos anos 70, passou a ser construído na área da Cidade Nova o Projeto Centro Administrativo São Sebastião (CASS), bem no coração do Mangue. A população carioca passou a conhecer o prédio como “Piranhão”, em uma “homenagem” à construção que definitivamente terminou com a zona do Mangue. Havia um pequeno trecho entre a Cidade Nova e o Estácio, uma pequena travessa com casas, para onde as prostitutas e cafetinas se mudariam pela última vez naquele bairro, em 1979. A Vila Mimosa, no número 41 em frente à rua Miguel de Frias, passou a ser moradia definitivamente das prostitutas e donas de casa. (Soares, 2010).

O Mangue, portanto, se torna uma lembrança de uma zona de prostituição que conheceu a repressão violenta, mas também de profissionalismo e um elevado nível de integração com populares e segmentos de forte expressão artística, intelectual e cultural da época (Moraes, 1995).

4.3- Vila Mimosa

*“Demoro, demoro, vamo lá.
 Você tá no sofrimento,
 você quer ficar maneiro
 vamo formar nosso bonde
 vamos invadir o puteiro.
 Vamos formar nosso rap
 de uma forma carinhosa
 você não pega ninguém então vai
 na Vila Mimosa vai, vai...
 Só na deli, só na delicia, só na delicia.
 Só na delí, só na delicia, só na delicia.
 Vila Mimosa.”*

Mc Serginho- Vila Mimosa

Vila Mimoza² é uma denominação para identificar o local externamente, aquele a ser reconhecido pela sociedade mais geral. Trata-se de uma reafirmação da existência de um tempo em que a prostituição que restou do antigo Mangue se reergueu, e através de ações políticas concretas desencadeadas pelas prostitutas e comunidade, reconstituiu uma identidade enquanto zona de prostituição (Moraes, 1995)

“ Minha primeira impressão sobre a Vila Mimosa foi de festa, de alegria e de cidade do interior. Engraçado uma cidade como o Rio de Janeiro conseguir manter até há bem pouco tempo uma zona antiga. Ela poderia tranquilamente ter sido tombada pelo patrimônio histórico.

Eu andava pela Mimosa completamente hipnotizada e pensando que ali eu iria trabalhar. A zona terminava em outra rua e a verdadeira entrada era essa, com um grande portal escrito: Vila Mimoza – Seja bem-vindo. Vila Mimosa, assim mesmo, com Z.” (Leite, 2009, p.106-107)

A descrição de Gabriela Leite demonstra a sua primeira impressão ao pisar na Vila Mimosa. Nesta época, a vila Mimosa se localizava em frente à rua Miguel Frias, por onde muito tempo entravam os bondes que levavam à Quinta da Boa Vista.

O número XLI (41) era uma vila residencial composta por 21 casas de “família”. Mas com a demolição de vários imóveis devido ao “progresso” do local, um ponto de jogo do bicho foi instalado no local, passando a atrair apostadores todos os dias. Como virou uma passagem, a Vila Mimosa passou a ser ponto de interesse comercial e de prostituição, já que as suas casas eram as últimas construções próximas ao Mangue. A instalação definitiva da prostituição na Vila ocorreu em 1979, após as desapropriações das casas das ruas Júlio do Carmo, Pereira Franco e Carmo Neto (Soares, 2010).

“A malandragem local jogava ronda. Eles ficavam entre agachados e de pé, olhando para todos os lados e ao mesmo tempo para as cartas do baralho que eram jogadas no chão de terra, em cima de uma folha de jornal. O olhar para todos os lados era por causa da polícia. Tinha um olheiro na entrada da zona, para ver quando vinha a patrulhinha, entrando com muita dificuldade pela rua irregular.

(...) Nunca aprendi que na zona não se vai antes para saber se será aceita ou não no novo emprego. Lá é chegar,

² Vila Mimoza com “z” é como estava escrito no muro da vila para onde as prostitutas se mudaram. Vila Mimosa, com “s”, é como é reconhecida a zona de baixo meretrício.

escolher uma casa e começar a trabalhar, e eu sempre esqueci de levar a toalha e a roupa de trabalho.” (Leite, 2009, 107)

A Vila Mimosa passou a ser símbolo de resistência e luta de prostitutas. A partir do recomeço da zona naquele novo lugar, criou-se uma identidade de grupo, referindo-se a um “nós” local, demarcado por uma situação de pertencimento em algum nível. O conceito de “Vila” não estava relacionado à atividade do meretrício, mas as relações de vizinhança, de convivência e trocas sociais produzidas através do contato com os mais diversos atores e frequentadores. O termo “Zona” estava mais relacionado à atividade prostitucional em si, porém tinha um sentido ambíguo, pois, apesar de revelar a prática, pretendia negar um pertencimento. A conotação identificadora desse termo era mais pejorativa e estigmatizante (Moraes, 1995).

A partir dos anos 80, o Brasil passou por diversas transformações políticas decorrentes do fim da ditadura. Neste momento, movimentos que mobilizavam um grande número de simpatizantes para os problemas de exclusão social ganharam voz e força e as minorias passaram a ter destaque. Em 1982, a recém intitulada vereadora Benedita da Silva estava organizando um encontro de mulheres de favela e periferia e resolveu ir a Vila Mimosa convidar as prostitutas. Gabriela Leite, prostituta do local na época e com espírito de liderança, aceitou a proposta:

“Me indicaram, ela foi me procurar, aceitei ir, convenci algumas colegas. Fizemos uma faixa das prostitutas, lá dentro da zona mesmo. E fomos para o encontro com as feministas. Ficamos lá caladas e, pelo final, perguntaram se a gente queria falar alguma coisa. E aí eu disse: ‘Eu falo’. Foi a primeira vez em que falei em público: “Meu nome é Gabriela, sou prostituta”. E foi um rebu, “ó, meu deus, uma prostituta que fala!”(Dorigatti, 2009).

Daí por diante, Gabriela Leite passou a ser bem conhecida, o que estimulou diversos acontecimentos na Vila Mimosa e no meio prostitucional. A mídia, principalmente as rádios, passaram a procurá-la para dar entrevista e ela foi intitulada oficialmente a porta-voz das prostitutas. Em junho de 1987, Gabriela, líder nacional do movimento relacionado ao programa “Prostituição e Direitos Civis” do Instituto de Estudos da Religião, organizou no Rio de Janeiro o I Encontro Nacional de Prostitutas, realizado no Centro de Artes Calouste Goulbenkian, na Praça Onze. Ela tinha um discurso, desde o início da

militância, lírico, apaixonado, emocional e com grande força literária, com características de ser profundamente questionador do padrão burguês de organização social e familiar, incisivo, agressivo na defesa da categoria e valorizador da cultura e dos modos de vida daqueles que são identificados como marginalizados e excluídos (Moraes, 1995). Neste primeiro encontro, foram listados diversos assuntos a serem debatidos e questionados pelas prostitutas, que tinham pela primeira vez a chance de expor suas opiniões:

“A gente fez uma lista de assuntos a serem discutidos: profissão, preconceito e estigma, escolaridade e violência, entre outros. Mas no final, mesmo com todo o esforço para conduzir a discussão para outros caminhos, tudo acabava no assunto da violência. Mas não era de qualquer violência da qual se precisava falar, e sim da violência policial. Violação dos direitos humanos para a prostituta é sempre violência policial. Existe um esforço para ampliar esse conceito na visão da prostituta. Ela precisa entender que uma cafetina que não lhe dê boas condições de trabalho, por exemplo, também está violando os direitos humanos.” (Leite, 2009, p. 147)

Além da questão da violência, o reconhecimento da profissão e a apropriação da identidade de prostituta foram temas bastante debatidos. Afinal, para garantir seus direitos deveria haver um reconhecimento da profissão ou encobri-la por outras ocupações? Essa discussão foi dividida por dois grupos: um mais militante, que defendia a idéia de ter direito a profissão e ao seu exercício com alguma segurança, e um outro grupo, com um número significativo de mulheres, que pensava numa forma de terem reconhecidos os direitos previdenciário como qualquer trabalhador, tendo carteira assinada como autônoma ou qualquer outra profissional, desde que não fosse enunciada a identidade de prostituta.

Depois desse Encontro, muitos estudiosos, pesquisadores e intelectuais passaram a procurar a Vila Mimosa e a Gabriela. A visão sobre prostituição que era de vítima se provava ser antiquada. Com o tempo as pesquisas ficaram mais sofisticadas devido à iniciativa do Encontro. Prostitutas do Brasil começaram a se organizar em associações e conseguiram a colaboração de estudantes, intelectuais e outros segmentos da sociedade (Leite, 2009).

“Conheço zona em todo o Brasil, até no Oiapoque já estive. Ajudei a montar as 35 associações que existem pelo Brasil. Sempre trabalhando para melhorar as condições, para violência policial acabar, mas sempre com muito humor, não

sou uma ativista da bandeira na mão”, afirma Gabriela em entrevista a Dorigatti (2009).

Na Vila Mimosa, berço das manifestações, não seria diferente. Elas se sentiram mais estimuladas a debaterem entre si os problemas da área, transformando-os em reivindicações específicas, como preocupações sobre limpeza, iluminação, asfalto, segurança, atendimento médico, além de escolas e creches para os seus filhos. Diante de um coletivo diversificado começa a ser colocada a necessidade de criar uma unidade política. Com isso, as experiências fragmentadas e vividas por prostitutas, comerciantes, cafetinas e freqüentadores assíduos começam a se integrar, e o que antes era individualizado começa a ser coletivizado (Moraes, 1995).

Durante esse processo de metamorfose, meses depois do Encontro, o pastor Nilson Fanini, dono da extinta TV Rio, pretendia ampliar os seus estúdios que ficavam ao lado da Vila. Fanini enviou seus representantes à vizinha Vila Mimosa na tentativa de comprar os imóveis, ameaçando os donos e as prostitutas de morte.

“Comecei a fazer esse discurso pela imprensa e a denunciar o que Fanini estava fazendo naquela área. E o Modesto (da Silveira, advogado) começou a articular a oficialização de um comodato com a Secretaria do Desenvolvimento Social. Mas nos disse que, para podermos brigar melhor, precisávamos ter uma Associação. Não é possível registrar no Brasil uma Associação de Prostituta, devido ao Código Penal de 1940, vigente até hoje. Num artifício legal, optamos por uma Associação de Moradores e Amigos da Rua Miguel Frias, onde fica a Vila Mimosa.” (Leite, 1992, p. 133)

E a partir disso, em 29 de setembro de 1987 surge a Associação de Prostitutas do Rio de Janeiro (APRJ). Esta Associação instrumentalizava a construção de um “nós” da Vila Mimosa, que gerou um autoconhecimento dos participantes daquela organização como indivíduos dotados de poder político. Em 1988, foi lançado o jornal Beijo da Rua em Recife, onde iria ocorrer o Primeiro Encontro de Prostitutas do Nordeste. O primeiro número foi um sucesso, sendo publicado nele o poema de Carlos Drummond de Andrade titulado de “A Puta” (que está na abertura desse capítulo) (Leite, 2009).

Algum tempo depois, a Vila passou a ser freqüentada por jovens ladrões que roubavam todos os clientes que saíam da zona. Nessa época, uma das casas

da Vila começou a funcionar como ponto de venda de drogas, tendo como fachada a prostituição.

“Um dia apareceu por lá um rapaz negro, bonito e sempre simpático com as mulheres. Seu apelido era Dentinho e era filho de uma cafetina, recém-saído da prisão. Expulsava os ladrões da zona, e aqueles que não obedeciam ele matava. Todos os dias alguém aparecia assassinado na calçada da padaria, e a vida na zona começou a se tornar muito difícil. Todo dia tinha polícia, troca de tiros e as cafetinas fechando as casas. Os clientes já não iam para a zona, principalmente à noite, e gradativamente os bandidos adquiriram mais espaço, a ponto de em cada entrada sempre ter gente armada. Ali começava a decadência da antiga Vila Mimosa. (...)Sabemos que a Vila Mimosa como lugar de trabalho, cumplicidade e companheirismo estava acabando.” (Leite, 2009, pp 151).

Em 1992, foi criada por Gabriela Leite, colegas e simpatizantes a ONG Davida, a fim de auxiliar as prostitutas no enfrentamento do preconceito, da discriminação e do estigma que a profissão envolve. A missão da ONG está relacionada à criação de oportunidade para o fortalecimento da cidadania das prostitutas, por meio da organização da categoria, da defesa e a promoção de direitos, da mobilização e do controle social. Além disso, nos dias de hoje, a Davida desenvolve atividades como: prevenção de DST e Aids entre prostitutas e clientes, organização de centro de memória, publicação do jornal Beijo da rua, estudos e pesquisas, articulações de políticas públicas dirigidas à categoria (Davida, 2010).

Anos mais tarde, em 1995, a Vila Mimosa teria seu fim decretado devido ao Projeto Teleporto, que previa um traçado inteiramente novo para o entorno do CASS e do prédio onde seria instalado o mais moderno centro de telecomunicações da cidade. Desta vez, seria irreversível, a Vila Mimosa, símbolo da resistência do Mangue, não sobreviveria ao progresso e aos interesses econômicos. Faltando um mês para a entrega das casas, a então presidente da Associação das Prostitutas da Vila Mimosa, Eunice Coelho, anunciou que havia comprado um galpão em Duque de Caxias com a metade do dinheiro pago pela indenização da Prefeitura. Houve grande insatisfação pela escolha do local e, logo em seguida, Eunice desapareceu, levando com ela o restante do dinheiro da indenização que seria dividido com todos os donos das casas. Quando faltavam apenas quinze dias para a demolição das casas, cafetinas e prostitutas se uniram e compraram outro galpão em uma rua da

Praça da Bandeira, para onde se mudaram no dia 2 de janeiro de 1996 (Soares, 2010). Tal mudança foi muito noticiada, inclusive na Europa, conforme se lê na reportagem abaixo publicada no jornal Le Monde:

“Vila Mimosa, um dos bairros mais velhos da prostituição no Rio, não é mais que um amontoado de pedregulhos e de placas que as chuvas desses últimos dias já transformaram em atoleiro. A municipalidade tinha decidido utilizar o terreno para construir um centro ultramoderno de telecomunicações destinado a homens de negócio. A mudança não foi rápida. Quarenta empregados municipais ajudaram as 1800 ocupantes dos lugares a embalar suas coisas em trinta caminhões e a Prefeitura pagou 1,8 milhões de francos (quantia que nos dias de hoje equivaleria a aproximadamente R\$ 897.000,00)³ de indenização à Eunice Coelho do Reis, presidente da Associação das Prostitutas do Rio. Na noite do dia 2 para dia 3 de janeiro, as escavadeiras abateram as casas deterioradas e os barracos que abrigavam um comércio de amor mais que centenário.” (Tradução do autor, Journal Le Monde, dia 7 de janeiro de 1996).

4.4- A Nova Vila Mimosa

*“Tive uma idéia bem legal
Muito boa e muito prazerosa
Depois que nós saímos de lá
Fomos todos pra vila mimosa
Muita mulher pra pegar
Mas é ruim tem que pagar
Mas como eu já tava lá
Ajoelhou tem que rezar
(...)
Tava indo tudo tão legal
Perguntaram quanto era o programa
Responderam que era dez real
Tudo isso na vila mimosa”
(Kandamina –Vila Mimosa)*

Atualmente, a Vila Mimosa se localiza na Rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira e é a zona de baixo meretrício mais conhecida no Rio de Janeiro. Apesar de ter permanecido o nome de Vila, agora está localizada, principalmente, em quatro grandes galpões, com cerca de 2500 metros quadrados, que muito se parece a uma galeria comercial repleta de bares e

³ De janeiro de 1996 a outubro de 2010, segundo o Banco Central do Brasil, a inflação medida pelo IPCA foi de 153%.

boates. Estes bares e boates se localizam na parte de baixo, e os quartos (ou melhor, cubículos), para a realização dos programas, estão acima desses bares, num segundo andar. Dentre os corredores, há um grande número de vendedores informais vendendo vários tipos de produtos: sucos, doces, salgados, roupas, cosméticos, incensos, bijuterias, entre outros. Também se encontra um salão de beleza e uma loja de tatuagem dentro do galpão. A Vila funciona 24 horas por dia, sendo impossível encontrá-la vazia, destacando-se o período noturno que é o mais movimentado. A partir das 17 horas, horário de saída de trabalho, a Vila começa a ficar cheia, principalmente às sextas-feiras (Pasini, 2005)

Segundo a autora, as mulheres que ali trabalham têm entre 18 a 50 anos (apesar de encontrar algumas mais velhas), sem carteira assinada, cobrando em média 25 reais pelo programa de 20 minutos (sendo que desses vinte e cinco reais, 5 reais é pelo aluguel do cubículo). Cerca de 1500 garotas trabalham no local dia e noite, rondando as ruas e becos. Morais (1995) complementa que essas mulheres da Vila Mimosa são, em sua maioria, alfabetizadas e possuem diferentes níveis de formação e de frequência a escola.

Desde 2002, a Vila Mimosa conta com um ambulatório médico com serviço de ginecologia, composto também por uma enfermeira e assistentes sociais. De acordo com Nobre (2002), o posto ambulatorial foi resultado de uma parceria de motoristas de taxi e a empresa Embrassom, que fornece as máquinas de música das casas da zona, com o Banco de Providência. O ambulatório possui atendimentos uma vez por semana e qualquer exame que seja solicitado é encaminhado para o Banco da Providência ou para hospitais públicos.

Em 2003, já funcionavam 78 bordéis ao longo da rua. Esses bordéis, junto com os bares e bancas de ambulantes, são filiados a Associação dos Moradores e Amigos do Condomínio da Vila Mimosa (AMOCAVIM), fundada logo após a mudança em 1996. As principais metas da AMOCAVIM são atividades de intervenção ligadas à saúde, à cidadania, à segurança e à educação das prostitutas. Nos últimos anos, a Associação tem mantido projetos com o Ministério da Saúde com o intuito de compartilhar ensinamentos sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e de distribuir preservativos gratuitamente. Além deste projeto, também há uma parceria com um Banco para o financiamento de um Posto de Saúde e, no começo de 2005, um projeto

junto ao Ministério da Cultura e uma ONG norte-americana, capacitando mulheres em situação de prostituição ou moradoras do bairro para a profissão de costureira.

O uso de preservativos é posto para as prostitutas da Vila Mimosa como uma necessidade diante da ameaça das Doenças Sexualmente Transmissíveis. A camisinha passou a ser uma exigência e seu uso independe de quase todas as práticas e do tempo que venham a permanecer com o cliente. Isso lhes garante sua própria proteção e a de seus clientes. Entretanto, alguns clientes fazem algumas negociações, oferecendo mais dinheiro para não usarem camisinha. Muitas mulheres se dizem firmes em sua regra, mas torna-se complicado negar uma oferta maior ou dispensar o cliente pelo não uso do preservativo. Portanto, o uso de preservativo é o ponto da negociação mais significativo e atesta a valorização dos serviços e garante o controle da prostituta sobre a situação, educando e informando aos clientes, e assim mudando e direcionando os comportamentos (Morais, 1995).

Em 2005, as prostitutas relacionadas à ONG Davida criaram uma grife, com roupas estampadas com frases e com design baseados no mundo da prostituição, para gerar visibilidade e recursos para projetos da organização, denominaram-na de DASPU. Tal grife não tem a intenção de tirar ninguém da prostituição, pois a Davida luta pela cidadania das prostitutas, como o direito ao trabalho em melhores condições, pelo acesso aos serviços públicos e outros bens da sociedade sem discriminação, pela elevação da autoestima, prejudicada pelo estigma.

Apesar dessas melhorias na Vila, o componente estigmatizador da violência ainda é presente. Essa concepção é reforçada, não apenas por ser um lugar de venda de sexo, mas também por ter como seus componentes outras pessoas com atividades socialmente condenáveis. Além disso, as próprias prostitutas também enfatizam o perfil violento da zona efetuando pequenos roubos. Algumas regras são impostas com a finalidade de controlar a violência: não se tornar íntima de clientes desconhecidos, evitar colegas que brigam demais, fugir das companhias escandalosas ou envolvida com pessoas pouco confiáveis e impor-se a necessidade de silêncio (silenciar aquilo que viu ou ouviu).